

Sertãozinho cidade onde o PIB cresce 9%

Sertãozinho, é com certeza, um dos melhores exemplos de agricluster no Brasil. O termo que significa: uma concentração de empresas e instituições que geram a capacidade de inovação e conhecimento, favorecendo a construção de vantagens competitivas, cabe perfeitamente nesta cidade que cresce mais do que a China. Neste ano, em que comemora seus 110 anos, Sertãozinho cresceu 9%.

A cana-de-açúcar é a grande responsável por este resultado. Dos pequenos engenhos de aguardente, rapadura e melaço do século 19, que eram coadjuvantes das plantações de café, às expressivas 13 usinas e destilarias hoje instaladas na cidade, uma história de superação, mas principalmente de inovação.

A cidade com 106 mil habitantes tem renda per capita de R\$ 14 mil. Não há desemprego. Só em 2006 foram criados cerca de 6.000 novos postos de trabalho. A cadeia produtiva da cana-de-açúcar é a maior empregadora e geradora de renda. Dados parciais sobre as exportações deste ano, indicam que a cidade já atingiu US\$ 135 milhões, 10 milhões de dólares a mais que no ano passado. Os maiores exportadores são as indústrias metalúrgicas, seguidas das usinas. Muitas dessas empresas são associadas à ABAG/RP: Caldema, Dedini, Sermatec, Simisa, TGM, as Usinas Santa Elisa, Santo Antônio, São Francisco e a Destilaria Santa Inês, além de associações e cooperativas de plantadores de cana, como a Canaoste e a Copercana.

Das cerca de 500 indústrias de Sertãozinho, 450 estão ligadas direta ou indiretamente ao setor sucroalcooleiro, mas não apenas a ele. Muitas delas usam tecnologia de ponta, 100% nacional. São empresas que produzem desde sistemas completos de automação,



Sertãozinho: movido a cana-de-açúcar

equipamentos de base para usinas até o podão usado no corte manual da cana. Mas como em Sertãozinho a adaptação aos novos tempos segue no rumo da tecnologia, estão passando do podão para as facas das colhedoras.

São empresas que exigem mão-de-obra especializada, que trabalham ininterruptamente. São grandes empregadoras e recolhem significativos impostos para a administração pública. Os resultados podem ser vistos nos in-

vestimentos: as escolas públicas têm conseguido notas expressivas nas avaliações nacionais; um novo prédio da escola técnica federal será inaugurada no início do próximo ano para formar e capacitar mão-de-obra, mesmo motivo que levou o Senai a aumentar a oferta de vagas. Um novo distrito industrial está previsto para 2007, assim como a conclusão das obras da estação de tratamento de esgoto e o novo aterro sanitário. Um setor produtivo tão eficiente exige uma administração à altura. A cidade está no seu auge, e segundo o Ceise, Centro das Indústrias de Sertãozinho, existe o desafio de manter este crescimento e atender à demanda tecnológica do setor. "Nos próximos dez anos não há previsão de percalços", completa.

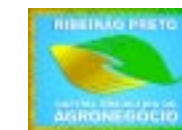
2006 foi realmente um ano especial para a cidade. Até o Sertãozinho Futebol Clube, o "Touro dos Canaviais", deu sua contribuição para a festa. Subiu para a primeira divisão do futebol paulista.



Agronegócio é uma publicação oficial, mensal, da Associação Brasileira do Agronegócio da Região de Ribeirão Preto - ABAG/RP, Av. Presidente Vargas, 2.001, sala 87, CEP 14020-260, Ribeirão Preto-SP. Fones: (16) 3623-2326 e 3620-9303. Site: www.abagr.org.br. E-mail: abag_rp@netsite.com.br. Diretora-executiva: Mônica Bergamaschi. Jornalista responsável: Valéria Ribeiro, MTb 15.626. Editoração: Fernando Braga. Impressão e fotolito: Gráfica São Francisco. Tiragem: 2.800 exemplares



Sangue novo, motivação redobrada



João Sampaio Filho, presidente da Sociedade Rural Brasileira desde 2002, desponta como uma das principais lideranças da agricultura nacional. Economista, produtor rural, idealista, é defensor do associativismo como forma de fortalecimento do setor e aproximação com a sociedade. Sua empresa de extração de látex, a Interlatex, é associada à ABAG/RP desde 2003, e uma das que abrem suas portas para receber os alunos do Programa Educacional "Agronegócio na Escola".



João Sampaio Filho fala dos desafios à frente da Secretaria da Agricultura e Abastecimento do Estado de São Paulo

O futuro Secretário da Agricultura e do Abastecimento do Estado de São Paulo, vai enfrentar o desafio de ocupar seu primeiro cargo público.

O que o levou a aceitar o convite para ser Secretário da Agricultura e do Abastecimento do Estado de São Paulo?

JSF - Aceitei o convite por acreditar no programa de governo de José Serra. As propostas dele vão ao encontro de diversos pontos de vista e posicionamentos que desenvolvi na Sociedade Rural Brasileira.

Como produtor rural e presidente de entidade de classe, o senhor conhece claramente as necessidades do setor. Isto facilita ou atrapalha?

JSF - Os dois. Facilita porque

chego à secretaria conhecedor de muitos desafios do setor. Desta forma, assumo com maior bagagem de informações, o que pode facilitar a tomada rápida de decisões para a realização de ações. Dificulta porque o ritmo da máquina pública é inferior ao da iniciativa privada e das entidades de classe. Mesmo com o excepcional quadro da secretaria, o 'DNA' do setor público para tomada de decisão e execução de tarefas é mais lento. Até que eu me acostume, isso será algo que me provocará angústia.

Quais são as prioridades? O senhor, que já conhece a máquina, pensa em algumas reestruturações ou mudanças?

JSF - Não penso em reestruturação. Penso em estimular, em lubrificar, turbinar a máquina pública, como, por exemplo, fortalecer

a coordenação entre os diversos centros de pesquisa agrícola do estado. A prioridade será garantir renda para o agricultor, oferecer condições para que ele desenvolva seu negócio, por meio da geração de oportunidades e empregos.

Como aproximar mais o setor privado das decisões da secretaria? Quais serão os mecanismos para esta interação?

JSF - Revitalizando as câmaras setoriais e reforçando o diálogo com as entidades de classe. Sou um homem do campo, produtor e morador de Barretos. Ao assumir a secretaria não pretendo me desligar de meus amigos, da minha origem e de meus ideais, fatores que foram fundamentais para que eu fosse convidado para este novo desafio.

Agroenergia: realidade e desafio

A ABAG Nacional acertou ao escolher Ribeirão Preto para realizar seu sétimo Fórum ABAG com o tema "Agroenergia". A região é uma das mais importantes produtoras de etanol do país. Os Fóruns ABAG são realizados desde 2004 com temas pontuais do agonegócio brasileiro. "Quando é detectado um assunto de interesse múltiplo, nós abrimos um fórum com convidados de toda a cadeia produtiva para tentar enxergar melhor e apontar caminhos para aquele determinado assunto", disse Carlo Lovatelli, presidente da ABAG.

Agroenergia é, com certeza, o assunto da moda, no Brasil e no mundo, e por motivos já conhecidos: alta do preço do petróleo, a preocupação com a segurança energética e o aquecimento global. Que o Brasil é um jogador importante nessa partida todos sabem, mas para o presidente da Câmara Setorial do Açúcar e Alcool, do Conselho do Agronegócio do Ministério da Agricultura, Luiz Carlos Corrêa Carvalho, também vice-presidente da ABAG, a essência desse fórum foi mostrar a capacidade brasileira em responder ao desafio da produção e substituição dos derivados fósseis por derivados da agricultura.

Agentes importantes dessa área estavam na mesa expondo seus pontos de vista, e todos fizeram apresentações que seguiram a mesma lógica: a importância de ter foco nas discussões sobre agroenergia, de fazer um trabalho coordenado do ponto de vista político, de pesquisa e desenvolvimento.

Segundo Carvalho o exemplo tem que começar com o próprio governo. Se não houver coordenação, foco, objetivos definidos, há um risco sério de levar o setor produtivo à descoordenação. "Quem chega ao tamanho da produção de bioenergia que o Brasil chegou precisa, de fato, ter tudo isto coordenado, precisa de políticas públicas indutoras para o setor", completou.

Carvalho começou sua apresentação lançando as perguntas que se faz em nível global: É competitivo? Confiável? Sustentável? Haverá acesso a mercados? De que forma? Qual será a velocidade



Luiz Carlos Corrêa Carvalho, Paulo de Tarso Costa, Carlo Lovatelli, Henry Joseph Junior e Mônica Bergamaschi

de expansão e de consumo? Haverá mecanismo formal de certificação?

Para todas as perguntas as respostas são positivas "se" a coordenação de fato acontecer, "se" as políticas públicas forem sensatas e rápidas. Essa agenda inclui tecnologia, logística e infra-estrutura, mercado, renda e desenvolvimento, além claro, das políticas públicas.

O cenário para o etanol e o Brasil é dos mais promissores, afirmou Carvalho. A demanda total, mercado interno e externo, passará de 17,5 bilhões de litros na safra 2006/07 para 44 bilhões de litros em 2015/16, e o melhor, a área plantada equivalente passará dos atuais 2,9 milhões de hectares para 3,2 milhões. Quatro forças levam a este cenário: redução dos subsídios para exportação, aumento da frota de veículos flex no Brasil e em outros países, o etanol ganhando "share" no mercado global e o baixo custo de produção no Brasil.

Para que isto aconteça é preciso que outros jogadores entrem em campo, que outros países além de Brasil e EUA, outro grande produtor, produzam etanol. Quanto mais competição, melhor. Será mais gente apostando no etanol e o Brasil jogando com sua arma nada secreta, o baixo custo de produção.

A indústria automobilística enxerga também com otimismo o crescimento do uso dos combustíveis alternativos. Segundo o presidente da Comissão de Energia e Meio Ambiente da Associação

Nacional dos Fabricantes de Veículos Automotores (Anfavea), Henry Joseph Junior, há 27 anos a associação apóia esta iniciativa com a aposta em pesquisas e desenvolvimento de motores apropriados, primeiro o movido a álcool e agora o "flex", sem falar dos testes que estão em andamento com motores para as diversas misturas de biodiesel.

Desde o lançamento do primeiro carro "flex", em março de 2003, já foram vendidos 2.457.887 unidades, representando hoje cerca de 80% do mercado de veículos zero. Dos 18 fabricantes, 8 produzem 43 modelos diferentes, o que leva a uma previsão de que a produção de carros com motor "flex" chegue no máximo a 85%. Isto levando em consideração a situação tributária e a proporcionalidade entre os preços do álcool e da gasolina.

Para a Anfavea as perspectivas para o mercado de etanol são positivas, devido ao aumento do interesse mundial pelo produto e da instabilidade da oferta e preços do petróleo, estimulando que outros países produzam etanol, das mais diversas matérias-primas. Além disso, a miscibilidade do etanol com a gasolina é muito boa, e a mistura pode ser usada pela frota atual sem modificação nos motores, o que facilita sua introdução em vários mercados. Dos 8 países que estão efetivamente usando a mistura, além de Brasil, estão Estados Unidos e Venezuela.

Entre os seis países que estão testando a mistura estão Japão e Canadá. Entre os que estão estudando a possibilidade do uso estão Inglaterra e França. No caso do biodiesel a demanda do mercado é grande, mas os fabricantes ainda esperam por respostas em relação à especificação do produto, para ajustar os motores à porcentagem de mistura. O ajuste deve ser rápido, acredita Joseph. "A experiência do passado permite hoje que se rompam barreiras mais rapidamente", completou.

Paulo de Tarso Costa, da Gerência de Alcool e Oxigenados da Petrobrás, abordou o tema agroenergia sob a ótica da indústria do petróleo. Segundo ele, a logística da empresa para atender o crescimento da exportação de etanol já está pronta: novos dutos e hidrovias saindo de Goiás, norte de São Paulo e Minas Gerais, vão facilitar a chegada aos portos dos 8 milhões de metros cúbicos de etanol previstos para a exportação em 2012.

Quanto ao biodiesel, a previsão de mistura não muda, será de 2% até 2011, e 5% em 2013, chegando a um volume de 2.644 mil metros cúbicos/ano.

O selo verde para o biodiesel é uma das bandeiras da empresa, privilegiando as matérias-primas oriundas do norte e do nordeste. Segundo a Petrobrás, no curto prazo, 2006/2007, o H-Bio deve demandar 256 mil metros cúbicos de óleo vegetal de soja, o que equivale a 15%

da demanda da importação de diesel. Nenhuma grande mudança prevista.

A questão da produção de biodiesel ficou por conta do presidente da ABAG e da Associação Brasileira da indústria de Óleos Vegetais (Abiove), Carlo Lovatelli. A primeira grande questão colocada por ele foi a motivação dos principais "players" desse jogo. Enquanto a União Européia tem motivação ambiental, como forma de alcançar as metas de Kioto, e os Estados Unidos investem no biodiesel em busca da segurança energética, no Brasil a motivação é social, ou seja promover a inclusão social, gerando emprego e renda no campo. Enquanto EUA e UE desoneraram o biodiesel para estimular a produção, no Brasil a desoneração é restrita à produção de óleo de mamona e palma, que representam 3,6% da produção nacional de óleo vegetal e a leilões de compra do governo para a soja.

A isenção dada pelo governo brasileiro significa muito pouco num mercado que promete demanda mundial crescente. Além disso, completa Lovatelli, ainda é mais fácil comprar diesel de petróleo, que tem tributação baixa no Brasil, do que produzir biodiesel.

O incentivo fiscal brasileiro se restringe ao produto e às regiões. No centro-oeste, por exemplo, o recolhimento do PIS/Cofins por grandes empresas atinge R\$ 218,00 por metro cúbico desse

combustível, valor igual ao do diesel de petróleo.

É preciso pensar no social, mas sem esquecer o mercado, enfatizou Lovatelli em sua apresentação. "A capacidade instalada da indústria processadora é de 39,5 milhões de toneladas. O Brasil esmaga hoje 29,7 milhões de toneladas. Só com esta capacidade ociosa de 10,1 milhões de toneladas poderiam ser produzidos 1,9 milhão de litros de biodiesel na mistura B4. É uma questão de política pública". Segundo ele, os entendimentos neste sentido devem ser retomados assim que os novos técnicos do governo nessa área assumirem.

O Fórum alcançou seus objetivos. Colocou as cartas na mesa. Dissecou um dos temas mais discutidos hoje em todo o mundo. Nem bem acabou, e o presidente da ABAG, Carlo Lovatelli, já convocou o próximo. Em março de 2007, em Brasília, o Fórum ABAG vai apresentar aos parlamentares eleitos as 15 propostas elaboradas em comum acordo com as principais entidades ligadas ao agonegócio e entregues aos candidatos à presidência da República na última eleição. São propostas que englobam os principais gargalos que impedem o pleno desenvolvimento do maior setor da economia brasileira, e, justamente por isto, não podem cair no esquecimento. "O próximo Fórum será eminentemente político", completa Carlo Lovatelli.



Platêia seleta no 7º Fórum Abag